



«Beograd Concrete» – INÊS D'OREY

Há lugares que, antes ainda que o saibamos, já são nossos e não me refiro à pertença material, mas a essa afinidade etérea, pouco concreta que, quando sucede, o que pode levar uma vida ou nunca vir a manifestar-se, nos traz esse reconhecimento epifânico: aqui estou/sou. É esse sentimento de pertença que transparece da série «Beograd concrete» na qual Inês d'Orey torna seus os lugares que, serenamente, pareciam aguardar este resgate. O título induz, convoca, desvenda essa apropriação, essa concretização, jogo semântico e sintático sugerido entre um adjetivo, um nome ou uma acção — talvez, na idiosincrasia da sua prática artística, esteja um pouco de tudo isso.

Quando, em 2021, surgiu a possibilidade de uma residência artística em Belgrado, Inês d'Orey, como é habitual no seu processo artístico, começou por investigar a arquitectura e história locais, focando o seu objecto de estudo na estética modernista e brutalista das décadas de 50 a 70, como o icónico Palácio da Sérvia ou o entretanto remodelado Centro Sava. Muitas ruas percorridas e portas que se foram abrindo depois, nesse deambular pela cidade, emergem outras realidades que a transportam para memórias ainda mais longínquas, recuando aos anos 30 do século passado, sendo o ponto de viragem essa “crónica do modernismo vivo de Belgrado” que é o no 22 de Obilićev Venac. No caso de Belgrado, a Inês d'Orey interessou-lhe particularmente esta mestiçagem de estilos e de referências arquitectónicas, onde se cruzam os edifícios públicos construídos entre 1946 e 1980, outros de habitação ou escritórios datados da Primeira Guerra Mundial, quando foi formada a Jugoslávia, reforçando essa relação entre a arquitectura e a identidade que esta confere ao território onde se insere.

A fotografia de Inês d'Orey como linguagem, repleta dos seus próprios signos e símbolos, deriva do espaço enquanto objecto arquitectónico e a ele vem a regressar um pouco mais adiante. Há como que uma suspensão do tempo de um lugar mutante, repositório de uma “patine” que parece cristalizar esse momento de ausência temporária da presença humana. Antevemos, pois, que são lugares habitados, ou melhor vividos, calcorreados, num tempo que se retoma, pondo em marcha a história. Cimento, betão, estrutura sólida e inabalável que conserva memórias recentes, primitivas, relevantes, mundanas. Voltamos ao espaço, já não em Belgrado mas no

Porto, especificamente à Casa Richard Wall, projectada em 1958 pelo arquitecto João Andresen. Antes da sua demolição, que veio a ocorrer no início deste ano, Inês d'Orey ainda consegue recuperar algum do mobiliário da Casa que, sendo contemporâneo do tempo de «Beograd concrete», passa a acolher memórias de quem olha, lê e reconhece a História como um conceito vivo, fluído, talvez com uma ligeira tonalidade branca. Ou não fosse o branco, de acordo com alguns sistemas, a cor que agrega todas as restantes do espectro. Branco, início, fim, serenidade, luz, estar/ser. Cidade branca — Beograd.

Ana Matos

Lisboa, Junho de 2022



«Beograd Concrete» – INÊS D'OREY

Some places are ours even before we know it, and I do not speak of material ownership, but that ethereal, thinly concrete affinity that, when it happens - which can take a lifetime to occur or never come to happen - it brings an epiphanic recognition: here I am. It is a sense of belonging that comes through in the «Beograd concrete» series, in which Inês d'Orey makes her own the places that, serenely, seemed to await her rescue. The title induces, summons and reveals this appropriation, this concretization, a semantic and syntactic game suggested between an adjective, a noun or an action. Perhaps there is a little of all that in the idiosyncrasy of her artistic practice.

When, in 2021, the possibility arose for an artistic residency in Belgrade, Inês d'Orey, as is usual in her artistic process, began by researching local architecture and history, focusing her object of study on the modernist and brutalist aesthetics from the 1950s to the 1970s, such as the iconic Palace of Serbia or the recently refurbished Sava Centre. Many streets and doorways later, wandering around the city, other realities emerge that transport her to even more distant memories, going back to the 1930s, the turning point being that “chronicle of living Belgrade modernism” which is number 22 Obilicev Venac. In the case of Belgrade, Inês d'Orey was particularly interested in the miscegenation of architectural styles and references, where public buildings built between 1946 and 1980 mingle with residential or office buildings dating from the First World War, when Yugoslavia was formed, reinforcing the relationship between architecture and the identity that it awards to the territory.

Inês d'Orey's photography as a language, with its own signs and symbols, derives from space as an architectural object and returns to that space a little further ahead. There is a kind of suspension of time in a mutating place, repository of a “patina” that seems to crystallize that moment of temporary absence of human presence. We glimpse, therefore, that these are inhabited places, or rather, lived, trodden, in a time that is reset, setting history in motion. Cement, concrete, solid and unshakable structure that preserves recent, primitive, relevant, mundane memories. We return to space, no longer in Belgrade but Porto, specifically, to the Richard Wall House, designed in 1958 by the architect João Andresen. Before its demolition, which took place early this year, Inês d'Orey managed to recover some of the furniture from the House. Contemporary with «Beograd concrete», that

furniture fosters memories of those who behold, read and acknowledge History as a living, fluid concept, perhaps with a faint white tinge. Or were it not white, according to some systems, the color that aggregates all the other colors of the spectrum. White, beginning, end, serenity, light, being. White city — Beograd.

Ana Matos
Lisbon, June 2022